

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE SEMIOLOGIA APLICADOS EM EQUINOS

FERREIRA, Caroline Nunes^{1*}

SUTERO, Eduardo de Galisteo¹

GONÇALVES, Kelly Leivas¹

SOUSA, Luan Robaina¹

SILVA, Willian Corrêa da¹

ROSSATO, Andressa Dutra Piovesan²

TEIXEIRA, Bruno Borges²

BIANCHI, Eloisa²

LINDEN, Liana de Salles Van Der²

OLIVEIRA, Plínio Aguiar de²

CORADINI, Márcia Goulart Lopes²

RESUMO: O presente trabalho foi realizado utilizando equinos de diferentes raças, sexo e idades. Este trabalho tem como objetivo transferir maior aprendizado sobre técnicas semiológicas aos envolvidos, sendo assim realizados anamnese, exame clínico geral e exames complementares. A realização da parte prática do presente trabalho findou-se com a junção de todas as informações e resultados, para assim saber o estado dos animais e para um fechamento de um diagnóstico para os animais com alguma enfermidade. O presente projeto beneficiou os envolvidos com um vasto aprendizado das técnicas semiológicas, visto que quando a teoria está inserida e associada com a prática tem-se um aprendizado mais eficiente, ressaltando a importância da literatura aderida ao material prático e a adaptabilidade com a realidade.

Palavras-chave: técnicas semiológicas, exame complementar, equinos.

ABSTRACT: The present work was carried out using horses of different races, sex and ages. This work aims to transfer more learning about semiotic techniques to those involved, thus performing anamnesis, general clinical examination and complementary exams by. The accomplishment of the practical part of the present work ended with the junction of all the information and results, in order to know the state of the animals and to close a diagnosis for the animals with some disease. The present project has benefited those involved with a vast learning of semiological techniques, since when the theory is inserted and associated with the practice we have a more efficient learning, emphasizing the importance of the literature adhering to the practical material and the adaptability with reality.

Keywords: semiological techniques, complementary, examination equines.

¹ Discentes do Curso de Medicina Veterinária, Nível 5 2018/1 Bagé – Faculdades IDEAU – Bagé/RS.

² Docentes do Curso de Medicina Veterinária, Nível 5 2018/1– Faculdades IDEAU – Bagé/RS.

*Email para contato: ferreiracaroline94@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho dispõe-se do estudo da semiologia médica que estuda os métodos de exame clínico, pesquisa os sintomas e os interpreta, reunindo, dessa forma, os elementos necessários para construir o diagnóstico e presumir a evolução da enfermidade, aliando um referencial teórico a prática semiológica para auxiliar na aprendizagem e aperfeiçoamento profissional.

O objetivo desse trabalho foi avaliar equinos de diferentes faixas etárias com as técnicas semiológicas e quando necessário realizar o exame complementar aliando assim o conhecimento teórico com o prático.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.2 Introdução á semiologia

Semiologia vem do grego Semeion (sinal) e Logos (discurso), ou seja, o estudo dos sinais das doenças. É a arte, a ciência metodizada do diagnóstico clínico; requisito indispensável para a terapêutica e o prognóstico (RODRIGUES, 2003)

O exame semiológico bem feito torna desnecessária a solicitação de exames complementares, vários deles dispendiosos e, outros, às vezes, inacessíveis. Somente a anamnese bem realizada faz em torno de 60% dos diagnósticos clínicos. Quando associada ao exame físico a acurácia aumenta para perto de 80%. Essa associação possui a vantagem de indicar corretamente o melhor exame complementar a ser solicitado, com reflexos econômicos imediatos, principalmente para o setor público de assistência médica (BENSEÑOR, 2006).

A pedra angular da medicina ainda é o exame clínico e nunca será demais repetir sua importância (PORTO, 1987).

2.1.3 Subdivisão da semiologia

A semiotécnica pode, ainda, ser subdividida da seguinte forma: Semiotécnica. É a utilização, por parte do examinador, de todos os recursos disponíveis para se examinar o paciente enfermo, desde a simples observação do animal até a realização de exames modernos e complexos. É a arte de examinar o paciente (FEITOSA, 2014).

2.1.4 Sintoma e Sinal

Na medicina veterinária, o sintoma, por definição, é todo o fenômeno anormal, orgânico ou funcional, pelo qual as doenças se revelam no animal (tosse, claudicação, dispneia) (FEITOSA, 2014).

Feitosa (2014) diz, o sintoma é um indício de doença sendo, o sinal, o raciocínio feito após a observação de um determinado sintoma. Sintoma é um fenômeno anormal revelado pelo animal, ao passo que o sinal é composto por todas as informações obtidas pelo clínico a partir do seu exame.

2.1.5 Síndrome

Modernamente, síndrome (do grego syndromos = que correm juntos) o conjunto de sintomas clínicos, de múltiplas causas e que afetam diversos sistemas; quando adequadamente reconhecidos e considerados em conjunto, caracterizam, por vezes, uma determinada enfermidade ou lesão (síndrome de Shift-Sherington, síndrome cólica). O reconhecimento de uma síndrome constitui o diagnóstico sindrômico. Contudo, em algumas situações, a síndrome não revela a entidade mórbida, mas é de fundamental importância na identificação da doença, pois reduz o número de possibilidades diagnósticas e orienta as investigações futuras. A febre, considerada a síndrome mais antiga e conhecida no universo médico, ocorre no carbúnculo hemático, na aftosa, na cinomose, sendo que a sua presença, por si só, não caracteriza nenhuma dessas enfermidades, mas é de grande importância para o diagnóstico das mesmas (FEITOSA, 2014).

2.2 Identificação do paciente (resenha)

De maneira geral é importante considerarmos espécie, raça, sexo e idade. Em alguns casos é conveniente sabermos a coloração da pelagem do animal, já que animais de pelagem escura são mais resistentes aos raios solares, ao passo que os de pelagem clara, ou que apresentem áreas despigmentadas são mais suscetíveis ao aparecimento de lesões de pele causadas pelos raios do sol. A existência de marcas (tatuagens), que possam ser descritas em algum documento, tais como atestados de vacinação, protocolo de importação, apólices de seguro, também devem ser averiguadas (FEITOSA, 2014).

2.3 Anamnese

É fundamental para o veterinário conseguir obter do proprietário um histórico completo antes que o paciente seja examinado. A informação pode se mostrar inestimável no diagnóstico e no tratamento, tanto de um rebanho quanto de um indivíduo. O histórico completo também ajudará a decidir se o indivíduo que foi trazido para o exame tem uma doença ou condição que possa afetar todo o rebanho ou grupo de animais. Isso é muito importante na medicina de animais de produção (ROCKETT; BOSTED, 2011).

2.4 Exame clínico

É importante que todo clínico tenha, bem definida, sua própria sequência de exame e, sistematicamente, bem realizada em todos os animais, independentemente de sua enfermidade, para que dados relevantes ao caso não sejam esquecidos. Naturalmente, essa sequência é bastante particular e o que se apresenta aqui é apenas uma sugestão. Deve-se, em primeiro lugar, diferenciar o exame clínico do exame físico. O exame clínico reúne todas as informações necessárias para o estabelecimento do diagnóstico, enquanto o exame físico é uma parte do exame clínico do animal, resumindo-se à colheita dos sintomas e dos sinais por métodos físicos de exame, tais como inspeção, palpação, percussão, auscultação e olfação (FEITOSA, 2014).

2.4.1 Contenção física dos equinos

Segundo Feitosa (2014), antes de abordar os equinos, deve-se observar o comportamento do animal na tentativa de se ter uma ideia sobre a sua possível reação a um provável manuseio (coices, mordidas), atentando-se, por exemplo, para o posicionamento das orelhas, já que os animais traiçoeiros geralmente demonstram a intenção de resistir ao aprisionamento abaixando-as. O veterinário ou o ajudante deve se aproximar posicionando-se à esquerda desses animais, em virtude de a colocação de equipamentos como arreios e sela ser realizada pelo lado mencionado. Antes que um cavalo seja contido e examinado deve-se, inicialmente, pegá-lo. Quando o cavalo é cooperativo, essa etapa é muito fácil de ser vencida, bastando, para isso, manter o cabresto e/ou a corda escondidos, realizando-se uma aproximação lenta, vagarosa. Uma vez permitida a aproximação, deve-se fazer a abordagem manual, acariciando o dorso do animal, em seguida, apreendendo-o pela paleta esquerda, passando o braço ao redor do seu pescoço. Posteriormente, aplica-se uma corda ou cabresto. Os potros não acostumados com o manuseio de pessoas, ao contrário do que possa parecer, são perigosos e podem morder e coicear perigosamente. A contenção dos potros em posição quadrupedal pode ser feita, também, posicionando-se ao seu lado e passando-se uma mão em volta da musculatura peitoral e a outra por trás da coxa ou na base da cauda, suspendendo-a.

2.4.2 Contenção química de equinos

Durante a realização de um exame clínico em animais de grande porte, em especial nos equinos, muitas vezes há necessidade de se empregar métodos de contenção química que, em associação aos meios de contenção física, irão facilitar a obtenção do diagnóstico, além de permitirem o emprego de técnicas de exame auxiliares, como a ultrassonografia, a radiografia e a colheita de material biológico para exames laboratoriais. A contenção farmacológica eficaz tornaria os pacientes mais calmos e tranquilos, indiferentes ao meio que os cerca, reduzindo suas reações de defesa a estímulos externos como ruídos e toques. Favorece, ainda, manipulação de uma determinada região do corpo ou mesmo a movimentação de um local para outro. O emprego de agentes tranquilizantes, sedativos e analgésicos tem como um dos objetivos principais a redução da ansiedade e do estresse experimentados pelo paciente, muitas vezes provocados pela simples aproximação de pessoas estranhas, até mesmo do próprio médico

veterinário, ou pelo ambiente de um hospital veterinário, para onde foi transportado. Em alguns casos, a origem do estresse é a dor que, invariavelmente, está presente em diversas afecções clínicas, determinando inquietação e agressividade por parte do paciente, tornando difíceis a sua manipulação e o exame clínico, além de aumentar o risco de acidentes a si e aos profissionais responsáveis pelo tratamento. Nesses casos, a utilização de agentes analgésicos, associados ou não a tranquilizantes, promoverá a redução da dor e do desconforto, acalmando o paciente; fornecendo, assim, condições seguras para a melhor condução do caso (FEITOSA, 2014).

2.4.3 Inspeção

Feitosa (2014) diz que, utilizando o sentido da visão, esse procedimento de exame se inicia antes mesmo do início da anamnese, sendo o método de exploração clínica mais antigo e um dos mais importantes. Pela inspeção investiga-se a superfície corporal e as partes mais acessíveis das cavidades em contato com o exterior. A técnica adequada para a realização da inspeção exige mais que apenas uma simples olhadela. O examinador deve ser treinado a olhar para o corpo do animal de forma sistemática. Com frequência, o examinador neófito tem pressa em usar o seu oftalmoscópio, estetoscópio ou otoscópio, antes de usar seus olhos para a inspeção. Na realidade, a inspeção talvez seja o método semiológico mais fácil de ser realizado e o mais difícil de ser descrito de maneira precisa.

2.4.4 Palpação

É a utilização do sentido tátil ou da força muscular, usando-se as mãos, as pontas dos dedos, o punho, ou até instrumentos, para melhor determinar as características de um sistema orgânico ou da área explorada. O sentido do tato fornece informações sobre estruturas superficiais ou profundas, como, por exemplo, órgãos genitais internos de grandes animais, pela palpação abdominal e transretal, respectivamente. Essa última abordagem é denominada palpação por tato ou palpação cega. Nesse caso, o clínico tem nas mãos e nos dedos, é bem verdade, os seus olhos. Para isso, entretanto, é necessário ter em mente as características da(s) estrutura(s) e sua localização dentro da cavidade explorada (FEITOSA, 2014).

Pela palpação, percebem-se modificações da textura, espessura, consistência, sensibilidade, temperatura, volume, dureza, além da percepção de frémitos, flutuação, elasticidade, edema e outros fenômenos (FEITOSA, 2014).

2.4.5 Percussão

A técnica da percussão sofreu uma série de variações, ao longo do tempo, tanto na medicina humana como na veterinária e, hoje, utiliza-se, basicamente, a percussão dígito-digital, martelopleximétrica e, em alguns casos, a punho-percussão e a percussão digital ou direta. Quando se percute diretamente com os dedos de uma das mãos a área a ser examinada, denomina-se percussão direta ou imediata, sendo mais comumente conhecida a percussão digital. Para tal, o dedo permanece fletido na tentativa de imitar a forma de um martelo. Entretanto, quando se interpõe o dedo de uma mão (médio) ou algum outro instrumento (plexímetro), entre a área a ser percutida e o objeto percutor (martelo e/ou dedo), a percussão é descrita como sendo indireta ou mediata, onde se destacam a percussão dígito-digital e a martelo-pleximétrica (FEITOSA, 2014).

2.4.6 Auscultação

Segundo Feitosa (2014), a auscultação consiste na avaliação dos ruídos que os diferentes órgãos produzem espontaneamente. Esta é a principal diferença entre a ausculta e a percussão, já que, na percussão, os sons são produzidos pelo examinador, a fim de se obter uma resposta sonora. O método de auscultação é usado, principalmente, no exame dos pulmões, onde é possível evidenciar os ruídos respiratórios normais e os patológicos; no exame do coração, para ausculta das bulhas cardíacas normais e suas alterações é para reconhecer sopros e outros ruídos; e no exame da cavidade abdominal, para detectar os ruídos característicos inerentes ao sistema digestório de cada espécie animal. A ausculta pode ser: Direta ou imediata. Quando se aplica o ouvido diretamente na área examinada protegido por um pano, evitando, assim, o contato com a pele do animal. As desvantagens são óbvias, incluindo a dificuldade de manter-se um contato íntimo com animais irrequietos e de excluir os sons provenientes do meio externo, além de a pele do animal estar úmida e conter restos de fezes ou secreções cutâneas, entre outras.

2.5 Avaliação dos parâmetros vitais

O conhecimento dos parâmetros vitais (frequências cardíaca, respiratória, do ceco, além da temperatura corporal) é de fundamental importância na fase que antecede o exame físico específico, pois pode sugerir o comprometimento de outro sistema que não tenha sido abordado ou mencionado pelo proprietário, como também ajuda a determinar, de forma generalista, a situação orgânica do paciente naquele momento. Os parâmetros devem ser aferidos e monitorados rotineiramente, se possível, duas vezes ao dia, uma pela manhã e outra ao final da tarde. Nessa fase do exame, é importante observar se está havendo ou não alguma alteração nos valores indicativos.

2.5.1 Avaliação da Frequência Cardíaca (FC)

A frequência cardíaca (FC) é um parâmetro importante para a observação do desempenho fisiológico do cavalo, e é quem indica como está a saúde do animal (EVANS, 2000).

O aumento da FC inicialmente pode ser por causa da temperatura corporal, como a força de contração do miocárdio que aumenta por causa da permeabilidade da membrana muscular e a aceleração do metabolismo cardíaco (GUYTON; HALL, 2006).

2.5.2 Avaliação da temperatura

O estudo da variação térmica (termometria) é de fundamental importância para se avaliar o estado geral do paciente e nunca deve ser desprezado pelo veterinário. As espécies domésticas (mamíferos e aves) são classificadas como homeotermas, ou seja, são capazes de, em condições de perfeita saúde, manter a temperatura corporal dentro de certos limites, independente da variação da temperatura ambiente. Por esse motivo, são chamados de "animais de sangue quente". A temperatura corporal dos animais é determinada pelo balanço entre o ganho de calor e sua respectiva perda, pelo equilíbrio entre dois mecanismos distintos chamados de termogênese (mecanismo químico que aumenta a produção de calor) e termólise (mecanismo físico que incrementa a perda de calor). A principal fonte de calor é derivada de processos

metabólicos oxidativos, ou seja, por meio de reações nas quais o oxigênio, utilizando como substrato os carboidratos, lipídios e os aminoácidos, determina a queima destes, com consequente produção de calor. Quando o animal está em repouso, os principais órgãos geradores de calor são o fígado e o coração, mas durante o exercício, os músculos esqueléticos constituem o maior local de calor, contribuindo com cerca de 80% do calor total produzido.

2.5.3 Exame das mucosas

Inicialmente deve-se proceder ao exame das mucosas aparentes, que é de real importância em semiologia, pois as mucosas, em virtude da delgada espessura da pele e grande vascularização, podem, muitas vezes, indicar o estado de saúde atual do animal. Esse simples exame revela a presença de enfermidades próprias (inflamação, tumores, edema), como também auxilia a inferir conclusões acerca da possibilidade de alterações que reflitam comprometimento do sistema circulatório ou a existência de doenças em outras partes do corpo (icterícia em virtude de dano hepático ou da ocorrência de hemólise). O exame das mucosas deve ser realizado sempre em locais bem iluminados, de preferência sob a luz do sol. Caso isso não seja possível, utiliza-se luz artificial de coloração branca.

2.6 Exames complementares

Feitosa (2014), os exames complementares, quando realizados posteriormente ao exame físico do animal, aumentam acentuadamente as possibilidades de se identificar com precisão e rapidez as modificações orgânicas provocadas por diferentes enfermidades. Entretanto, à medida que os mesmos evoluem, tanto em qualidade quanto em quantidade, torna-se necessário saber qual(is) exame(s) solicitar para cada caso específico, tendo em vista seu elevado custo e a capacidade individual de se interpretar seus resultados de forma consciente e crítica. É importante ressaltar que o exame subsidiário, como o próprio nome diz, serve apenas para auxiliar ou complementar os procedimentos clínicos anteriores (anamnese e exame físico, por exemplo), com o intuito de chegar ao diagnóstico, seja ele provisório ou definitivo.

2.7 Diagnóstico

Segundo Feitosa (2014), pela observação cuidadosa dos enfermos, muitas doenças tornaram-se conhecidas por seus sintomas e por sua evolução, antes que se conhecessem as suas causas. Surgiu, dessa maneira, a possibilidade do diagnóstico (do grego diagnosis = ato de discernir, de conhecer), ou seja, de reconhecer uma dada enfermidade por suas manifestações clínicas, bem como o de prever a sua evolução, ou melhor, o seu prognóstico. O reconhecimento de uma doença com base nos dados obtidos na anamnese, no exame físico e/ou exames complementares, constitui o diagnóstico nosológico ou clínico sendo, na verdade, a conclusão a que o clínico chega sobre a doença do animal (por exemplo, pneumonia, tétano, raiva).

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado utilizando 5 equinos. Dentre estes, 2 pôneis, macho e fêmea (Pichon e Margarida), 2 fêmeas adultas da raça Crioula (Bugra e Rosilha 31) e 1 macho velho da raça Mangalarga Paulista (Urânio). Os animais se encontravam na Clínica & Reprodução Intensiva de Equinos, localizado no município de Hulha Negra/RS, conforme figuras 1, 2, 3 e 4.



Figuras 1 e 2: Pichon e Margarida – Foto: Robaina,S.L., 2018. C.R.I.E, Hulha Negra, RS.



Figuras 3 e 4: Rosilha 31 e Urânio – Foto: Robaina,S.L., 2018. C.R.I.E, Hulha Negra, RS.

Em cada animal foi feito a anamnese e exame clínico. Onde realizou-se a identificação, inspeção, palpação, percussão, auscultação, avaliação do parâmetros vitais e exame complementar, conforme figuras 5,6 e 7.



Figuras 5: Avaliação cardíaca e respiratória – Foto: Robaina,S.L., 2018. C.R.I.E, Hulha Negra, RS.



Figuras 6 e 7: Tempo de preenchimento capilar (TPC) e Temperatura corporal (TC) – Foto: Robaina,S.L., 2018. C.R.I.E, Hulha Negra, RS.

Então no momento da avaliação, foi feita anotações em uma folha para obtenção de dados dos animais como: raça, pelagem, idade, peso, altura, temperatura corporal (TC), frequência cardíaca (FC), sexo, tempo de preenchimento capilar (TPC), hidratação, exame da mucosa e movimento ileocecal.

Os materiais utilizados foram: Estetoscópio (para avaliação da frequência cardíaca, respiratória e movimento ileocecal), termômetro de mercúrio (avaliar temperatura corporal), saco plástico (para coleta de fezes) e microscópio conforme figuras 8 e 9.

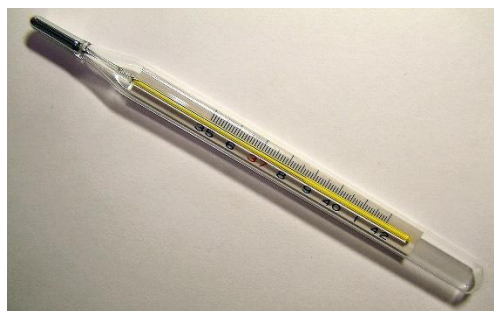


Figura 1: Termômetro de mercúrio – Foto: Robaina,S.L., 2018. Faculdade IDEAU, Bagé, RS.



Figura 1: Saco plástico usado para coleta de fezes – Foto: Robaina,S.L., 2018. C.R.I.E, Hulha Negra, RS.

Os animais Pitchon, Margarida (os pôneis) e Urânio (velho), eram animais sadios sem nenhuma suspeita. Já sobre os animais Bugra e Rosilha 31, haviam suspeitas. Portanto, foi realizado a avaliação semiológica destes, para descobrir uma possível enfermidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com isso, após a avaliação semiológica dos animais, obtivemos os resultados:

Tabela 1- Dados dos animais – Hulha Negra RS.

Animais	Espécie	Raça	Sexo	Idade	Peso	Altura	Pelagem
Pitchon	Equino	Pônei	Macho	8 – 10 anos	170 kg	1,00 m	Rosilho
Margarida	Equino	Pônei	Fêmea	6 – 7 anos	200 kg	1,10 m	Tubiano
Bugra	Equino	Crioulo	Fêmea	6 anos	400 kg	1,42 m	Rosilha Gateada
Rosilha 31	Equino	Crioulo	Fêmea	9 – 10 anos	380 kg	1,40 m	Rosilha Gateada
Urânio	Equino	Mangalarga Paulista	Macho	24 anos	390 kg	1,50m	Colorado

Tabela 2- Exame clínico geral dos animais – Hulha Negra RS.

Animais	FC	FR	TC	TPC	Hidratação	Mucosa	Mov. ileocecal
Pitchon	56 bpm	18 por min.	37,9°C	4	2	Rósea	Presente
Margarida	64 bpm	28 por min.	38,0°C	2	2	Rósea	Presente
Bugra	38 bpm	14 por min.	37,9°C	3	3	Rósea Pálida	Presente
Rosilha 31	44 bpm	14 por min.	38,0°C	2	2	Rósea Pálida	Presente
Urânio	Arritmia	26 por min.	38,8°C	2 – 3	3	Rósea Pálida	Presente

NOTA: FC: Frequência Cardíaca

FR: Frequência Respiratória

TC: Temperatura Corporal

TPC: Tempo de Preenchimento Capilar

Pichon e Margarida (os pôneis), por apresentarem-se sadios, foram submetidos ao exame clínico geral para aprendizagem dos alunos envolvidos que notaram que os seus batimentos eram mais rápidos, do que os outros cavalos. Isto porque, por serem menores a circulação do sangue é mais rápida.

A Bugra aparentemente apresentava-se sadia, mas ao concluir o exame completar (coprocultura) onde o exame foi realizado por haver suspeitas de endoparasitas no animal. Percebeu-se a presença de ovos de parasitas.

Segundo Monteiro, (2007), a fauna parasitária é vasta e compreende várias famílias/gêneros distintos, entre elas os estrôngilos que pertencem ao Filo Nematelminthes, a ordem Strongylida, a Família Strongylidae onde encontram-se os grandes estrôngilos com as espécies *Strongylus vulgaris*, *Strongylus equinus* e *Strongylus edentatus*.

Em comparação com o que o autor citou, foi possível notar a presença de ovos de *Strongylus spp*, onde no **campo A** encontrou 7 ovos e no **campo B** encontrou 5 ovos. Foi realizado o cálculo **campo A + campo B / 2 x 100 = OPG (quantidade de ovos por grama de fezes)** para saber a quantidade de ovos presentes. Resultando 600 OPG (quantidade de ovos por grama fezes).

Na Rosilha 31 a suspeita inicial era de laminite, apresentando também emagrecimento progressivo. Mas ao fazer o exame clínico geral, foi diagnosticado a doença tétano.

Segundo o autor Orsini, (1998), os sinais clínicos de equinos que apresentam tétano são, rigidez muscular, acompanhada por tremor; trismo mandibular, prolapso da terceira pálpebra, cauda rígida e afastada do corpo, especialmente quando o animal recua ou se vira. Também fora os sinais já descritos há posicionamento ereto das orelhas, retração das pálpebras, desidratação, dilatação das narinas e alteração na respiração. O *Clostridium tetani* produz três toxinas, a tetanospasmina, a tetanolisina e a toxina não-espasmogênica. A tetanospasmina é responsável pela excitabilidade no animal. A tetanolisina promove a disseminação da infecção ao ampliar a quantidade de necrose tecidual local.

Comparando com o autor citado, a Rosilha 31 apresentava, rigidez muscular, prolapso da terceira pálpebra, alteração na respiração, curta e abdominal e estava bem desidratada. Mas o animal não apresentou todos os sinais descritos pelo autor, porque o animal foi diagnosticado no período inicial da doença.

Segundo o autor Silva, (2010), o diagnóstico do tétano é realizado com base nos sinais clínicos apresentados pelos animais. Eliminar a fonte de bactérias e toxinas do organismo animal, controlar os espasmos musculares e fornecer tratamento suporte como hidratação e nutrição são de extrema importância para um tratamento eficaz. Visto que, considerando a taxa de mortalidade em equinos de até 80%, é fundamental manter um controle e profilaxia

adequados, sendo o melhor até hoje a imunização, feita através de vacinas, devendo ser mantido um cronograma de vacinação anual.

Por fim o Urânio, este animal que aparentemente estava sadio, mas ao fazer o exame clínico geral, observou-se na auscultação, alteração no ritmo cardíaco (arritmia) que ocorre quando os impulsos elétricos do coração não funcionam de maneira correta, provocando batimentos acelerados (taquicardia) ou lentos (bradicardia). Neste caso a frequência cardíaca, se encontrava acelerada (taquicardia).

5 CONCLUSÃO

O presente projeto beneficiou os envolvidos com um vasto aprendizado sobre o uso de técnicas de semiologia em equinos. Mostrando que a anamnese é o primeiro passo e um dos mais importantes no exame clínico dos animais, por dar grandes informações ela deve ser realizada sempre que possível. Pois, na anamnese já começa a orientação sobre o que pode estar acometendo o animal. Passando assim, para o exame clínico, onde já estaremos mais direcionados, e se necessário para o exame complementar, para a obtenção de um diagnóstico conclusivo.



REFERÊNCIAS

BENSEÑOR, I.J.M. **A semiologia no século XXI. Simpósio sobre ensino da semiologia.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

EVANS, D. L. **Training and fitness in athletic horses.** Barton, Camberra: Rural Industries Research and Development Corporation, 2000. P.64.

FEITOSA, **Semiologia veterinária: A Arte do Diagnóstico.** São Paulo: Roca, 2014. 3ed.

GUYTON, A. C.; HALL J. E. **Tratado de Fisiologia Médica.** 11. Ed Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 1264 p.

MONTEIRO, S.G. **livro didático. Parasitologia veterinária UFSM.** 2 ed. Santa Maria da serra. p. 184- 87, 2007.

ORSINI, J.A.; DIVERS, T.J. **Manual of Equine Emergencies.** Philaladelphia:W. B. Saunders, 1998. p.354-356.

PORTO, C.C. **Exame Clínico.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,1987.

RODRIGUES, Y.T. and RODRIGUES, P.P.B. **Semiologia Pediátrica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 2ed.

ROCKETT e BOSTED. **Procedimentos Clínicos Veterinários na Prática de Grandes Animais.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SILVA. **Uso De Antitoxina Tetânica Por Via Intratecal E Endovenosa No Tratamento De Tétano Acidental Em Equino: Relato De Caso.** Revista Científica Eletrônica De Medicina Veterinária, Ano VIII, n. 14, Janeiro De 2010